

"A CASA DOS SENTIDOS"

Pintura Franck Lundangi expõe em Paris

Adriano Mxingue

A Casa dos Sentidos é a exposição do artista plástico angolano Franck Lundangi que vai estar patente do Instituto Camões de Paris, de 13 de Novembro a 13 de Dezembro próximos, numa iniciativa conjunta daquela instituição e a embaixada da República de Angola em França.

O acto de inauguração, a realizar-se às 18h30 da próxima quinta-feira, contará com a presença de Ambrósio Lukoki e António Monteiro, embaixadores de Angola e Portugal em França, respectivamente.

A exposição terá carácter itinerante e irá à Brtare (sul de Paris) e, se possível, a Dakar (Senegal), no primeiro trimestre de 2004.

A voz e o perfil do criador

"Eu amo o silêncio (...). Eu espero que a minha pintura reflita esse silêncio, essa paz interior que eu tento manter. A pintura forma hoje parte da minha vida. Eu creio que a espiritualidade, entre o homem e a natureza constituem um todo onde manifesta-se a força da vida. Eu tento sempre de trabalhar no sentido dessa unidade, para fundir todas as coisas que nos rodeiam", quem assim fala - em entrevista à Renée Merdy Ougonidou - é Franck katussumesso Lundangi. Mas, quem é o artista que nos ocupa? Onde e quando nasceu? Que preocupações o absorvem? Por que nos interessa falar dele?

Digamos que foi assim que tudo começou:

Nos fins dos anos 50, quando o império colonial português em Angola estava à beira de sofrer um colapso, Franck K. Lundangi nasceu em Maqueta do Zombo (Angola). Apesar da sua inclinação pelo desenho e pintura, desde muito jovem, só desde 1990, com trinta e dois anos de idade, é que depois de deixar o futebol, começa realmente a pintar no seio de uma comunidade de artistas, em Paris, tendo entre 1994 e 2001, permanecido tanto na Fundação Dufraine da Academia de Belas

Artes (Chas) como numa residência de artistas do castelo de Trouse-barrière, em Loiret (França).

No entanto, apesar de ainda desconhecido em Angola ou, se quisermos, nos meios artísticos e culturais angolanos, desde 1996, Lundangi, tanto a título individual como colectivo, tem estado a expor em numerosas galerias, instituições e eventos em França e, também, na Coreia do Sul e nos Estados Unidos do América. Talvez, por isso, na sua obra plástica, o sentido de pertença esteja diluído na ideia do não-lugar (Marc Augé).

Este criador não vem da floresta virgem para falar-nos de espíritos primigénios, ele, estando num dos epicentros das "civilizações" como é Paris, limitasse a deixar sair pelas telas as palavras de uma frase que aprendera com os seus avós ou, num contexto muito mais geral, com o entorno cultural que o alimentava. E, então, nessa ingenuidade sabia de quem quer dizer coisas verdadeiras e puras, ele fala-nos tanto do lado mágico da vida como das casas e culturas nas quais entra e sai, constantemente.

Retenenciado em televisões (ou jornais) como Telarama, Amnia, Jeune Afrique, Afflictures, L' média, Pignans, Le Courrier de Saint-Claude, Le Journal de Gen ou Le Progres, Franck K. Lundangi com uma nota de "elegante simplicidade" (Virginie Andriamitido) faz, por exemplo, com que na sua obra pictórica, os crocodilos apareçam para estruturar o mundo e estejam conscientes de que na sua transparência se reflecte a sabedoria do Ser.

Os crocodilos, torens de um universo profundo, vêm do topo de cima de um inventário de recordações que compõem os interesses da sua existência, com os subsaltos que a crise de fins do século XX obriga. Mas isto não é tudo: A simplicidade do traço é assumida como a água vital, linha deixada no chão pelos crocodilos sem idade, moradores de um ritual congelado numa superfície vibrante, território em que o homem e a natureza bifurcam.

Segmentos de histórias que inventa ou (re)inventa, a obra (pictórica, escultórica e gravurista) de Franck K. Lundangi é um depoimento a favor do resgate do

olhar incorrupto e de essências cruas. Sem extremismos nem reducionismos arbitrários, o criador diseca a encruzilhada dos subconscientes colectivos em busca de essências culturais que localiza tanto nas paisagens interiores e exterior - que o informam como nos ícones que articulam as ideias e as forças de um universo polimorto.

A casa como objecto e obsessão omnipresente

A casa, antes de ser ca-

sa, esteve dispersa na areia, em pedaços de madeira, nos de tinta, acessórios vários e substâncias infinitas, mas, antes que tudo, a casa antes de ser casa foi uma ideia no universo (Amadou Hampaté Bâ), ali onde todos os sentidos confluem, um espaço que habitamo-lo nas nossas mentes. A casa antes de ser casa foi um segmento aligeiro na imensidão da paisagem deshabitada, fora das cidades invivíveis (Italo Calvino).

A casa antes de ser casa foi o lugar dos sentidos por inventar, como se no facto, no paladar, no olhar, no es-

cutar e no cheirar estivessem as construções do significado primogénito, aquele que repousa no silêncio dos ancestrais e sempre encontramos-nos, de alguma forma, em nós mesmos. A casa é um ponto fixo do lugar, aquilo que é diferente do "não-lugar" de que falaramos.

A casa é a testemunha das nossas confissões mais íntimas, o fragmento mais completo de nós mesmos, aquela que reflecte as nossas mudanças, as nossas viagens, o nosso status visitante ou de (e)migrante, o outro que não somos nós.

A casa é o repositório dos mais diversos sentidos culturais, quer dizer, verdade seja dita, cada homem traz sempre consigo uma casa. Casa real ou imaginária, a casa que cada homem traz na sua cabeça é o espaço em que se movem os seus desejos e as suas angústias; é em nossa casa que captamos as primeiras sensações daquilo que será a nossa existência; como uma chave usó, levamos a casa comodamente onde quer que vamos; não é possível haver aldeia (local ou global) sem haver a casa, o nosso primeiro ponto de lo-

calização, ali onde somos para todos os caminhos e onde voltamos em todos os regressos.

Neste sentido, a obra de Lundangi é uma reflexão pessoal e colectiva, a sua forma de (re)construir as culturas que povoam a sua mente.

Ideias no universo, (c)idades invivíveis, não-lugares são vários dos temas susceptíveis de questionar e ou, simplesmente, reflectir com base na obra criativa de Franck Lundangi, esta obra que, mesmo tendo começado a ser feita há três anos, é já multi-disciplinar (Pinturas, Esculturas, Gravuras, Desenhos e Instalações) e que traz até nós a casa dos muros pintados, a floresta das casas flutuantes, a casa das escrituras que cantam, a casa das frutas, a casa das peles de animal como o mostruário de um mundo só seu e caseiro que inseri-se à nossa contemporaneidade que inventamos dia após dia.

III.

Do ventre da amada à arte africana

De certa forma, o percurso artístico de Franck K. Lundangi está marcado por grandes histórias de amor: Profundo amor pela sua própria cultura que, no entanto, só o descobre amando e absorvendo outras culturas. Obsessivo amor pela sua própria casa que o evidencia depois de viver em várias casas. Clarividente amor por si mesmo que sabe compartilhar com Catherine de Luxe.

A relação afectiva com Catherine foi fundamental para a toma de uma decisão tão importante como é segurar nos pinicéis e nas telas e entrar nelas para encontrar uma tranquilidade outra, que as bolas de futebol não podem propiciar.

Digamos mesmo que por essa razão, Franck Lundangi vem directamente do ventre da amada à arte contemporânea africana. Mesmo sentindo-se nela o eco de algumas matrizes do subconsciente colectivo africano, a sua obra é singular, tão fresca quanto inovadora, tão reflexiva quanto ilustrativa, tão poética quanto imprevisível e isso que nos fascina, iremiedavelmente.

FRANCK K. LUNDANGI

